

SIMPOSIO TEMÁTICO 2
O ROMANCE HISTÓRICO E SUAS NUANCES: DA GÊNESE À
CONTEMPORANEIDADE

Coordenadores:

Cristiano Mello de Oliveira (UFSC / SE - Paraná)

Pedro Nunes de Castro (UFSC / UNISC-PNPD-Capes)

23/08/2017 – TERÇA-FEIRA

15:30 – 17:30

5964-A INTERTEXTUALIDADE E A PARÓDIA NO NOVO ROMANCE HISTÓRICO BRASILEIRO - UMA LEITURA DOS ROMANCES A REPÚBLICA DOS BUGRES E CONSPIRAÇÃO BARROCA, DE RUY REIS TAPIOCA

Cristiano Mello de Oliveira (UFSC)

É muito comum ouvirmos dizer que as palavras, assim como a própria linguagem literária, constituem materiais permanentes de vários romancistas. Não é por acaso que a natureza do romance histórico, partindo para uma representação da realidade, é recriar episódios do passado, sejam remotos ou não, obsoletos ou esquecidos na própria atualidade. Assim é marca recorrente do Novo Romance Histórico a utilização de estratégias de escrita que recorram à paródia e à intertextualidade. O presente artigo investiga como são ofertados os tratamentos intertextual e paródico em relação às questões estéticas nos romances *A República dos Bugres* e *Conspiração Barroca*, de Ruy Reis Tapioca. Como ferramental teórico, cada qual ao seu modo, temos: Hutcheon (1985); Dentith (2000); Wesseling (1991); Saymoault (2008), dentre outros importantes. Objetivamos deixar como contributo, algumas considerações a respeito das estratégias textuais da intertextualidade e da paródia que alguns romancistas estão utilizando nos últimos tempos a respeito do novo formato de romance histórico.

Palavras-chave: Intertextualidade. Paródia. Novo Romance Histórico brasileiro. *A República dos Bugres*. *Conspiração Barroca*.

7488-A PERSPECTIVA INDÍGENA NA OBRA A PRIMEIRA HISTÓRIA DO MUNDO, DE ALBERTO MUSSA

Rosiene Almeida Souza Haetinger (UNIVATES)

Na obra *A primeira história do mundo* (2014), de Alberto Mussa, documentos sobre um caso verídico de um assassinato ocorrido no Rio de Janeiro em 1567 são o ponto de partida para um (novo) olhar para o passado do Brasil. O narrador/escritor propõe-se a investigar - tendo em vista os dados de testemunhas e acusados - a morte a flechadas de Francisco da Costa, que deixa viúva Jerônima Rodrigues, a qual, nos autos do processo, configura-se como a causa do assassinato do marido. Em função da arma usada e do contexto histórico-social da narrativa, Mussa empreende um retrato das relações entre indígenas e brancos, mostrando, de forma peculiar na literatura, uma visão histórico-antropológica sobre o indígena que dialoga com as teorias de Eduardo Viveiros de Castro. Nesse sentido, Mussa corresponde ao que Heloisa Buarque de Hollanda (2001) afirma sobre o autor da literatura contemporânea: tem formação acadêmica e a partir dela alimenta a sua produção literária. No caso de Mussa, percebe-se que a teoria alimentou sua obra, uma vez que ele explicita isso em uma das primeiras páginas do livro, onde agradece “especialmente aos que leram e comentaram os embriões desta novela; ou debateram comigo alguns de seus problemas”, citando, dentre outros, Eduardo Viveiros de Castro. O diálogo entre a obra e a teoria de Viveiros de Castro se dá eminentemente nas referências à cultura indígena, principalmente no que tange ao Perspectivismo e, conseqüentemente, a um olhar de alteridade. Ainda, a obra de Mussa, assim como a de Viveiros de Castro, propõe a inserção do mundo indígena no contexto social da cidade do Rio de Janeiro. Um dos pontos da obra é trazer a visão indígena como a “primeira história do mundo”, ou seja, como visão mítica. Coloca, assim, a perspectiva do índio no centro, não à margem da(s) história(s).

Palavras-chave: Índio. Alberto Mussa. Perspectivismo. Eduardo Viveiros de Castro.

7493-A VOZ DO SUBALTERNO EM SARAMAGO: UMA ANÁLISE DE LEVANTADO DO CHÃO

Charles Vitor Berndt (UFSC)

José Saramago é um dos escritores contemporâneos de língua portuguesa de maior renome e isso se deve não tanto ao Prêmio Nobel de Literatura que recebeu em 1998, mas, sobretudo ao modo muito próprio e singular de narrar que desenvolveu a partir da publicação de *Levantado do Chão*, em 1980. Descrito muitas vezes como humanista, neobarroco e pós-moderno, a verdade é que Saramago surge como uma voz que renova e dá novo ânimo ao romance contemporâneo português, construindo uma literatura que busca representar e recontar a História a partir de novos pontos de vista, dando espaço e voz, por exemplo, a personagens que representam aqueles que sempre estiveram à margem, excluídos e silenciados em nossas sociedades e em nossas narrativas: os pobres, os trabalhadores, os camponeses, as mulheres, etc. Nesse sentido, ao discutir e problematizar as relações entre História e Literatura, este trabalho propõe uma análise de alguns aspectos do romance *Levantado do Chão*, onde se conta a história dos Mau-Tempo, uma família de cavadores portugueses

secularmente explorados em latifúndios do Alentejo. Buscar-se-á, ainda, investigar o quanto se pode encontrar nas narrativas saramaguianas, em seus romances tido como históricos, principalmente, uma aposta e valorização de algo que o sociólogo Boaventura de Sousa Santos tem denominado de cosmopolitismo subalterno.

Palavras-chave: José Saramago. História. Literatura. Levantado do chão. Subalternidade.

7165-O REVIVER DÚBIO DE UMA IMPERATRIZ: ANÁLISE DO ROMANCE "IMPERATRIZ NO FIM DO MUNDO", DE IVANIR CALADO

Samla Borges Canilha (PUCRS)

Em *Imperatriz no fim do mundo* (1992), Ivanir Calado apresenta-nos a história de Amélia de Leuchtemberg, segunda esposa do imperador D. Pedro I e imperatriz brasileira entre 1829 e 1831. O que se destaca, na narrativa, não é tanto o seu conteúdo histórico, mas a forma como este é apresentado: a narradora-protagonista é a própria Amélia, que, cento e vinte anos depois de sua morte - período durante o qual pesquisou tudo o que pôde sobre a própria vida -, retorna ao Rio de Janeiro e decide escrever suas memórias. Ultrapassando o retrato da figura histórica e do contexto brasileiro no período do Império, temos, no romance em questão, uma subjetivização que não consta em documentos ou em biografias já publicadas sobre Amélia, traço este que ocasiona a problemática central da narrativa: os limites entre o ficcional e o histórico. Proponho, por isso, neste trabalho, analisar e discutir a construção de "Imperatriz" no sentido de aproximá-lo das teorias de Seymour Menton e de Linda Hutcheon, que propõem a nova novela histórica e a metaficção historiográfica, respectivamente, e demonstrar porque, neste caso, não se pode recorrer à classificação de romance histórico nos paradigmas clássicos, propostos por György Lukács. Da análise empreendida, resulta que a caracterização do romance em questão concorda, em grande parte, com as propostas de Menton e de Hutcheon, uma vez que questiona os limites entre história e ficção, traço essencial às teorias por estes colocadas.

Palavras-chave: *Imperatriz no fim do mundo*. Ivanir Calado. História. Ficção.

7315-PROCESSOS DE TRANSCULTURAÇÃO A PARTIR DE VESTÍGIOS MEMORIAIS EM A MÚSICA PERDIDA DE LUIZ ANTÔNIO DE ASSIS BRASIL

Wenderson Pinto Farias (UNILASALLE)

Consideramos o romance como um meio produtivo de constituição de posições-sujeito em diálogo com a memória e as condições históricas de sua produção. Foi justamente nesse sentido que se originou a intencionalidade de examinar o romance de ficção contemporâneo sul-rio-grandense por meio da obra de Luiz

Antônio de Assis Brasil. Percebemos, então, a necessidade e a relevância de uma análise tendo como tema os Processos de Transculturização a partir de vestígios memoriais e como objeto o romance em *A música perdida* (2006). Tivemos como pergunta norteadora: de que forma processos de transculturização, a partir dos vestígios memoriais, são evidenciados na obra *A música perdida* (2006) de Luiz Antônio de Assis Brasil? O nosso objetivo foi analisar o processo de transculturização e dos vestígios memoriais desdobrados nas estratégias narrativas ao longo do enredo da obra de Luiz Antônio de Assis Brasil. Para cumprir o objetivo estabelecido, fundamentamo-nos em princípios teóricos da transculturização na perspectiva de Eurídice Figueiredo (2005) e dos vestígios memoriais em Walter Benjamin (2011), Jaime Ginzburg (2012), Zilá Bernd (2013). A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo baseado em Lawrence Bardin (2011).

Palavras-chave: Literatura. Romance. Transculturização. História. Vestígios Memoriais.

5944-SARAMAGO: ROMANCISTA HISTÓRICO?

Pedro Nunes de Castro (UNISC)

A presente comunicação versa sobre o romance histórico na acepção do escritor José Saramago e da crítica literária especializada. Com a intenção de provar ser inapropriado o *rótulo gasto* de romancista histórico atribuído ao escritor português, este qualifica tal gênero literário através de uma analogia, segundo a qual tal obra é como uma fotografia de uma viagem feita no passado e que o autor translada ao presente, abstraindo-se das suas preocupações hodiernas (SARAMAGO, 2013). Adotando esta imagem como premissa, o prêmio Nobel passa em revista por seus livros,

argumentando que neles não está contida tal característica definidora. Entretanto, nem sempre o público leitor e a crítica especializada assentem com a visão do escritor, pois é recorrente que *Memorial do Convento* (1982) e *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), figurem no topo da lista, quando se elenca títulos do gênero literário referido. Cômicos da problemática de o autor ser crítico da própria obra, pretendemos refletir sobre esta disparidade conceitual, esmiuçando ambas as visões. Para isso, adotamos como subsídios referenciais, Linda Hutcheon (1988), e Teresa Cristina Cerdeira (1989), especialista na obra saramaguiana.

Palavras-chave: Romance histórico. Obra saramaguiana. Metaficção historiográfica.

7371-UM ROMANCE HISTÓRICO PECULIAR: SOMBRAS NA CORRENTEZA, DE CYRO MARTINS

Fábio Varela Nascimento (PUCRS)

Em 1979, o escritor e psicanalista gaúcho Cyro Martins (1908-1995) publicou a obra *Sombras na correnteza*. O romance se constrói a partir da costura entre literatura, história e memórias, pois a narrativa aborda os episódios da Revolução de 1923. O conflito ocorrido no Rio Grande do Sul entre os partidários de Antônio Augusto Borges de Medeiros e de Joaquim Francisco de Assis Brasil é visto por Cyro com olhos irônicos. Esse olhar se desenvolve, em grande parte, ao tratamento dado pelo autor às personagens históricas e às personagens ficcionais, que, mesmo prosaicas e medianas como aquelas construídas por Walter Scott e ressaltadas por Gyorgy Lukács, são o centro da narrativa. A ironia é apenas um dos aspectos que torna *Sombras na correnteza* um romance histórico dotado de peculiaridade. Outra característica que contribui para a singularidade do livro é o papel testemunhal do escritor. Ainda jovem, Cyro vivenciou a revolução e as suas consequências e, em mais de uma ocasião, afirmou ser “uma testemunha da história”. Vivenciar a revolução foi significativo para a elaboração de *Sombras na correnteza*, pois Cyro deixou que as suas opiniões políticas e as suas impressões parciais sobre o episódio transparecessem na narrativa. Os objetivos principais desta proposta são: ressaltar as peculiaridades do romance histórico *Sombras na correnteza* e expandir a fortuna crítica do autor. Para que tais objetivos sejam alcançados, serão utilizados aportes teóricos dos estudiosos Antônio Roberto Esteves, Marilene Weinhardt, Alcmeno Bastos, Seymour Menton e Gyorgy Lukács, além de outras obras de Cyro Martins e de parte de sua fortuna crítica.

Palavras-chave: *Sombras na correnteza*. Cyro Martins. Romance histórico.